



VOCÊ NO TERCEIRO SETOR

Marcos Pires¹

“Como me tornei um voluntário”.



Seria bom começar dizendo que numa bela manhã de sol...mas não foi bem assim. Às vezes, a vida nos leva a caminhos inesperados, na verdade eu não tinha nenhuma experiência com trabalho voluntário e muito menos como palhaço dentro de um hospital.

Foi mais ou menos assim: minha esposa ouviu falar da Organização e seus propósitos através de publicação veiculada por rádio em faixa “AM”, até parece coisa do tempo do “João Afonsinho”, mas não é.... A rádio é a BOA NOVA-1450 de Guarulhos, na qual os diretores da Organização Canto Cidadão tinham um programa aos sábados, das 11h às 12hs. Neste programa, eles falavam muito sobre as atividades dos voluntários, vestidos de palhaço, que visitavam hospitais com o propósito de levar alegria e amenizar a dor de pacientes.

Num primeiro momento, o que houve foi o despertar da curiosidade. Daí a procurar a Organização, inscrever-se para o curso etc. foi um pulinho. Melhor dizendo, quem se inscreveu e fez o curso foi minha esposa, mesmo porque o curso era realizado em dia e horário comerciais e lá em casa alguém tem de trabalhar.

Passada a fase do curso teórico, vem o estágio em hospital, e é aí que de fato o voluntário decide ou descobre se vai ou não continuar e fazer o trabalho.

E foi nessa oportunidade que, acompanhando minha esposa para o seu primeiro dia de estágio (fui só para carregar as malas), que o coordenador me convidou para acompanhá-los, apenas na condição de espectador.

¹Aluno do curso de Gestão de Marketing da UnG
Membro da Organização Canto Cidadão.



Para não destoar do grupo, que era composto por sete aspirantes e estes estavam todos paramentados, cada um no seu personagem, coloridos, alegres (verdadeiros palhaços), fui também pichado, quer dizer pintado, e ainda ganhei um chapéu vermelho.

Assim fui eu – com meia cara de palhaço e acho que meio espírito também, pois naquele instante nascia o personagem.

O que aconteceu?!... Bem, nunca mais deixei de ir aos hospitais. Claro que fiz o curso, repeti o estágio e, se me perguntarem como me sinto, eu vou responder que já deveria estar fazendo este trabalho há muito mais tempo, pois tenho sido maior beneficiado por ele e, por incrível que pareça, todas as pessoas do meu convívio dizem e sentem o mesmo.

Oportunamente direi o que aconteceu naquela primeira visita do estágio, que foi o ponto de partida desta jornada.

“Muitos sorrisos e muita alegria.”

Dr. Cochilão
Marcos Pires